



## A SEXUALIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE JORNALISMO.

Gelberton Vieira Rodrigues  
UNESP/Araraquara e IMES/São Manuel

Marcela Pastana  
UNESP/Araraquara e IMES/São Manuel

Ana Cláudia Bortolozzi Maia  
UNESP/Araraquara e UNESP/Bauru

### RESUMO

As narrativas midiáticas constituem-se como potentes *pedagogias culturais*. A educação sexual não pode ignorar os efeitos pedagógicos dos meios de comunicação, veículos que (re)produzem significados de sexualidade, gênero, orientação sexual, diferença, entre tantos outros que fazem parte da subjetividade. Considerando que os produtores do discurso midiático são profissionais da área da comunicação, é importante investigar como esta discussão entre sexualidade e mídia se faz presente na formação desses profissionais. Esta pesquisa qualitativa-descritiva teve o objetivo investigar as concepções sobre sexualidade de 80 estudantes do curso de jornalismo de uma universidade paulista, que responderam a um questionário com questões abertas, para análise de conteúdo. Os resultados apontam que os participantes têm uma visão ampliada de sexualidade. Embora reconheçam a importância deste tema em sua prática profissional, afirmam que não têm uma disciplina específica sobre sexualidade e o que aprendem é limitado. Quando necessitam de informações recorrem a diferentes fontes, priorizando uma visão médica e sexológica da sexualidade. Conclui-se que a formação neste grupo de jornalistas é inadequada, quando deveria ser necessária e pertinente.

**Palavras-chave:** Comunicação; Sexualidade; Estudantes de jornalismo; Educação sexual; Pedagogias culturais.

Realização:



Apoio:

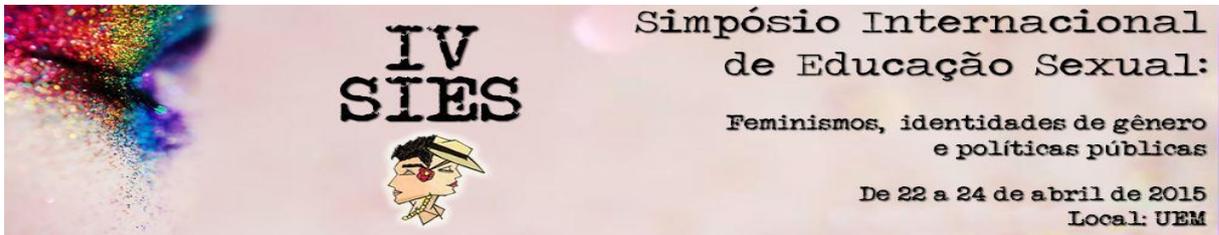


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





## INTRODUÇÃO

Desde o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no século XIX, estes vêm se consolidando como parte do processo educativo formal e não-formal, estando cada vez mais presentes nas vidas das pessoas, transmitindo valores e elementos simbólicos (Bordenave, 1986). As pedagogias culturais estão intimamente imbricadas com aprendizagens sobre sexualidade e gênero,

Sabe-se que é forte a influência dos meios de comunicação no processo de educação sexual, por isso, é inquestionável que estudos sobre a mídia relacionados aos processos educativos em sexualidade sejam realizados. Em oportunidade anterior, elaboramos e desenvolvemos projetos em educação sexual realizados na UNESP/Bauru com estudantes universitários das áreas da comunicação (Pastana; Maia, 2013, Rodrigues *et al.*, 2013) que se mostraram espaços interessantes para o diálogo e a reflexão sobre a relação entre sexualidade e mídia.

Neste sentido, nos parece relevante compreender como é a formação de estudantes de jornalismo no que diz respeito à sexualidade já que são os jornalistas os profissionais em situação privilegiada para manutenção ou quebra dos padrões normativos vigentes. Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

## EDUCAÇÃO SEXUAL E PEDAGOGIAS CULTURAIS

Compreende-se a sexualidade enquanto uma dimensão da vida que acompanha os humanos de seu nascimento até sua morte. A sexualidade humana excede o corpo, o aparelho genital e sua função reprodutora, ela também diz respeito a maneira como as pessoas experienciam seus desejos, fantasias, prazeres, corpos, afetos e paixões (Maia, 2010).

Não acreditamos na sexualidade enquanto um dispositivo inteiramente montado, mas sim que ela esteja em permanente construção ao longo de uma história individual de aprendizagens conscientes e inconscientes. Para compreender a sexualidade humana, demanda-se que os padrões normativos, regras, valores,

realização:



APOIO:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





mitos, tabus e crenças de cada cultura sejam levados em consideração. Não pode se dizer que a sexualidade é “natural”, ela é um conceito amplo que representa uma complexa dimensão da vida, presente em todos os seres humanos (Laplanche; Pontalis, 2008).

A área de estudo que se propõe a discutir temas referentes às aprendizagens e ensinamentos que dizem respeito à sexualidade é a educação sexual. A educação sexual enquanto processo é parte integrante da educação como um todo. É um processo contínuo que acontece por toda a vida, englobando ações intencionais e não intencionais que ocorrem em diversas instâncias como a família, a escola, os meios de comunicação, igrejas, instituições legais e médicas, entre outros espaços sociais. Estão envolvidas a aquisição de normas, regras, valores e padrões sobre o sexo e a sexualidade que podem ocorrer de modo explícito ou dissimulado (Louro, 2008; Maia *et al.*, 2012).

Estudos sobre a educação sexual não podem ignorar os efeitos pedagógicos dos meios de comunicação, instâncias em que o poder se organiza e se exercita, e também são (re)produzidos significados de alteridade, respeito, sexualidade, masculinidades, feminilidades, orientação sexual, classe, raça, sexo, família, justiça, consumo, prazer, entre tantos outros que fazem parte da subjetividade humana. As narrativas midiáticas, com seus imensos recursos econômicos e tecnológicos, são responsáveis por trocas simbólicas e materiais de dimensões globais em nossa sociedade, constituindo-se como potentes pedagogias culturais (Pelúcio *et al.*, 2012; Silva, 2013).

Embora nas famílias e nas instituições escolares ainda seja frequente o silenciamento sobre temas relacionados à sexualidade, na mídia há uma exposição massiva do assunto. Além de proporcionar lazer, diversão e entretenimento, jornais, programas de TV, músicas, *reality shows*, revistas, videocliques, filmes, seriados, anúncios publicitários e *sites* da internet também transmitem representações sobre o sexo, a sexualidade, o corpo, os relacionamentos, as feminilidades, as masculinidades e o prazer (Louro, 2008; Pastana, 2014). Sobre a relação entre as aprendizagens sobre sexualidade e a mídia, Louro (2008) comenta:

REALIZAÇÃO:



APOIO:



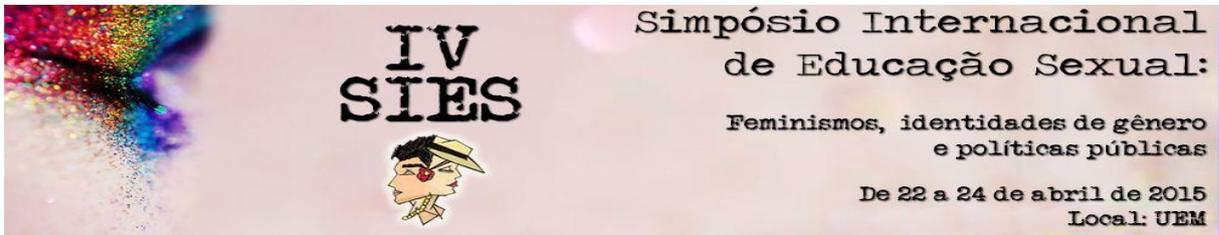
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



PATROCÍNIO:



PlayBook



A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito e dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médica mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (...) Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (LOURO, 2008, p. 18).

Sobre essa potência, Silva (2013) nos mostra como as pedagogias culturais apresentam-se de forma muito mais sedutora e irresistível que o currículo acadêmico e escolar, pois apelam para emoções, fantasias, sonhos e imaginação, mobilizando uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente. Aprende-se com a mídia ainda que não se percebe. Ele escreve:

Revoluções nos sistemas de informação e comunicação, como a Internet, por exemplo, tornam cada vez mais problemáticas as separações e distinções entre o conhecimento cotidiano, o conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar (SILVA, 2013, p. 141).

Estando em acordo com o que foi apresentado até agora, os produtores da mídia são responsáveis por grande parte do que se constitui hoje como o imaginário social, muitas vezes pautados na ilusão de *descrever a realidade sem nela interferir*

Realização:



Apoio:



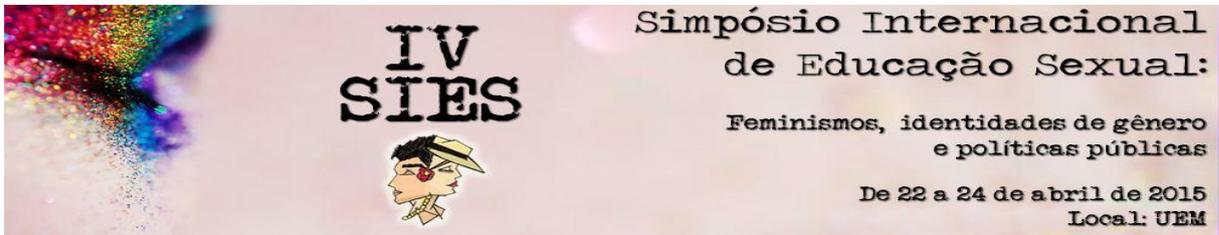
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



(Bucci, 2004). Quem são esses autores e autoras do discurso midiático (e jornalístico) de nossa sociedade? Como é a realidade objetiva e a formação dessas pessoas?

### **JORNALISMO: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS**

O jornalismo é formador do imaginário social, produzindo visibilidades e invisibilidades e pautando discussões públicas (Manoel, 2010). Rossi (1981) faz uma análise crítica do que acontece nos bastidores das redações dos jornais escritos, televisivos e radiofônicos, questionando os padrões de produção jornalística norte-americanos, seguidos pelos jornais brasileiros, que normatizam que toda matéria deva responder “quem, onde, como, quando, o que, e o porquê” de uma notícia, assim como a “imparcialidade” e “objetividade” propostas aos profissionais jornalistas. Ele define o jornalismo como:

Uma batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra acrescida, no caso da televisão, de imagens. (...) uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar de comunicação de massa (ROSSI, 1981, p. 7).

Sendo assim, pode-se deslocar o quem vem sido chamado de “imparcial” nos meios de comunicação como “a favor do sistema de poderes e discursos vigentes” e “em manutenção dos padrões hegemônicos”. Anunciar o lugar de que se fala diz muito epistemologicamente (Pelúcio, 2012). Muitas vezes o público espera que os meios de comunicação os informem “como as coisas são de fato”, sem pensar criticamente que, toda produção midiática é feita de sucessivas escolhas. Neste processo de escolhas, informações são selecionadas, elencadas, ordenadas, postas em maior ou menor destaque, evidenciadas e omitidas (Manoel, 2010). Partir desta

Realização:



Apoio:



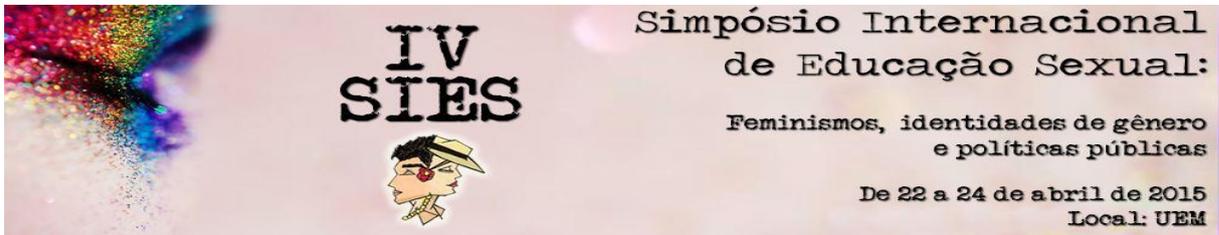
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



afirmação não significa atribuir ao jornalismo um papel manipulador, mas sim, buscar compreender os produtos midiáticos como frutos da imbricação do jornalismo com a cultura em que está inserido. Compreender como sujeitos e grupos sociais são representados nos discursos midiáticos, quais são legitimados e quais são silenciados, implica identificar hierarquias, diferenciações, exclusões e normatizações.

O discurso jornalístico foi historicamente estruturado e regrado de modo a apagar as marcas de quem narra, como se o texto emergisse diretamente dos fatos e não pelas mãos daquele que escreve. Neste processo que visa à produção de um texto supostamente objetivo, há a finalidade de apagar as marcas da produção. Desta forma, compromete-se o processo relacional entre autores e leitores, sujeitos que produzem, ambos, sentidos. Em meio às pressões do exercício da profissão, como a exigência de produtividade, a rotina, os prazos, a orientação ideológica da empresa, é necessário haver a reflexão sobre o “eu” que, embora muitas vezes invisibilizado, é quem narra e é modulado por sua trajetória de vida e profissional (Rocha, 2007).

Para aprofundar esse debate, este estudo quanti-qualitativo teve por objetivo geral investigar, a partir do relato de universitários do curso de jornalismo, as concepções sobre sexualidade e a sua abordagem nos meios de comunicação. Mais especificamente, pretendeu-se: identificar e analisar como compreendem a sexualidade e sua abordagem nos meios de comunicação, investigar a formação acadêmica relacionada ao tema da sexualidade e verificar como os alunos relatam atuarem com o tema da sexualidade nas suas produções em relação à busca de informações e fontes de consulta.

## MÉTODO

Participaram desta pesquisa oitenta estudantes, do primeiro ao último ano do curso de Comunicação Social/Jornalismo de uma universidade estadual paulista, selecionados como uma amostra de conveniência, a partir da indicação e facilidade de acesso.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



PATROCÍNIO:





Para a coleta de dados foi utilizado um questionário elaborado pelos pesquisadores, contendo dez questões abertas sobre o tema investigado. O preenchimento do questionário ocorreu na sala de aula dos alunos, em horário previamente agendado com o professor da sala. Após terem sido explicados os objetivos da pesquisa, aqueles que voluntariamente aceitaram participar receberam o questionário e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respeitando os preceitos éticos em pesquisa.

Todas as respostas foram redigidas em documento do word e a análise dos dados foi realizada em etapas: as respostas todas foram organizadas e em seguida, agrupadas em “categorias de respostas”. Para a organização das categorias, após a leitura flutuante do texto, procurou-se identificar as unidades de registro e contexto, descritas nos objetivos específicos. Categorizados os resultados, foram analisados de acordo com a discussão teórica apresentada na introdução. O procedimento de análise refere-se à análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977).

## RESULTADOS

### ***A compreensão da sexualidade;***

A compreensão do conceito *sexualidade* pelos estudantes variou e foi distribuída nas seguintes categorias de respostas: conceito amplo de sexualidade; sexualidade como algo individual e interno; compreensão sexualidade com ênfase no sexo e nas práticas sexuais; compreensão da sexualidade com ênfase na orientação sexual; sexualidade como algo biológico; não souberam definir; não responderam; compreensão da sexualidade com ênfase nos relacionamentos e compreensão da sexualidade com ênfase no gênero.

Na categoria *conceito amplo de sexualidade* (16 respostas), a sexualidade não foi restringida à biologia e ao corpo e foram considerados aspectos afetivos, sociais e simbólicos para descrevê-la. A expressividade desta categoria parece ser relacionada ao aumento dos espaços de discussões sobre o tema sexualidade que vem ocorrendo em algumas universidades paulistas. Todavia, ainda há muito a se

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





percorrer para que a categoria torne-se mais expressiva, pois, como relatou um dos participantes, a sexualidade “é algo imprescindível de ser discutido na formação de um indivíduo” (P14)

As respostas que fizeram parte das categorias *compreensão da sexualidade como algo individual e interno* (15), *compreensão sexualidade com ênfase no sexo e nas práticas sexuais* (15) e *sexualidade como algo biológico* (10), nos remetem à noção de que a sexualidade é algo inerente aos corpos e que diz respeito apenas aos corpos nos quais habita, ou, no máximo, aos corpos que compartilham o ato sexual. Essa ideia há muito tempo vem sendo pregada nas religiões e reforçada nas mais diversas instâncias culturais (Foucault, 2012). No geral, nas ciências humanas concorda-se que nem o sexo, nem a sexualidade são redutíveis à genitalidade, o que, infelizmente, ainda não é verdade no senso comum, em que predominam concepções biologizantes, deterministas e naturalistas, no qual a sexualidade é sinônimo de sexo, e sexo sinônimo de genitalidade. Podemos citar por exemplo a escola, que geralmente quando se propõe a falar sobre a sexualidade, se restringe às doenças sexualmente transmissíveis, ao aparelho “reprodutor” e na descrição de métodos preventivos e anti-concepcionais, “evitando” abordar temas como desejos, afetos, inseguranças, curiosidades, preconceitos, padrões normativos, entre outros tão pertinentes a educação sexual quanto os anteriores (Maia, 2010; Pastana, 2014).

A crescente visibilidade dada às questões relacionadas à diversidade sexual, pode ser um fator de influência para o alto número de respostas que apresentam a *concepção de “sexualidade” como atrelada à “orientação sexual”* (12). Cabe destacar também como a visibilidade não corresponde, necessariamente, a um avanço na compreensão das expressões da sexualidade como múltiplas e plurais, podendo, inclusive, incorrer em novas formas de normatização.

Cinco participantes não responderam e outros cinco não souberam definir sexualidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





### ***Abordagem do tema sexualidade na mídia;***

Se por um lado há o silenciamento na família, na escola e em outros grupos sociais sobre temas relacionados à sexualidade, por outro, na mídia há uma exposição intensa e constante do assunto. A torrente de estímulos sobre a sexualidade provindos da mídia se amalgama a outros conhecimentos que temos sobre o tema, tornando inclusive difícil separar esses aprendizados (Louro, 2008; Pastana, 2014). Em relação à sexualidade, há temas que são hegemônicos nas mídias, atravessando até mesmo fronteiras internacionais e repetindo-se compulsoriamente através de formas diferentes, como nos mostra a discussão realizada por Pastana (2014) sobre revistas para públicos masculinos e femininos. Mas há também espaço para subversão e questionamento de padrões normativos e preconceitos, e, mesmo que esse movimento não dependa exclusivamente dos profissionais da comunicação, estes estão em posição privilegiada para fazê-los.

Levando o que foi dito acima em consideração, questionou-se: quais os temas que os estudantes de jornalismo acham ser mais importantes quando o tema sexualidade é abordado na mídia? As categorias de respostas mais expressivas foram: *Doenças sexualmente transmissíveis e aids* (21 respostas); *O uso de métodos contraceptivos* (15 respostas) e *desconstrução do preconceito em relação à sexualidade e a orientação sexual* (15 respostas).

Com os resultados, vê-se a centralidade dada às DST e à sexualidade em seu aspecto corpóreo e biológico, aproximando-a das práticas sexuais. Sem dúvidas esses são temas importantes para a educação sexual, mas restringir-se a eles é manter-se no aspecto informativo desta área (Leão *et al.*, 2008). Há, contudo, respostas que reforçam a importância da desconstrução de preconceitos nas instâncias midiáticas, constituindo-se como a resistência ao poder hegemônico da comunicação, que é regido pelo imperativo da oferta daquilo que demanda o público-alvo (Rossi, 1981).

As categorias com mais números de respostas referentes ao que os participantes entendem como ser o aspecto mais relevante ao produzirem um

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



material com o tema sexualidade reforçam a ideia apresentada. Foram elas: *considerar o público alvo* (21); *focar-se em transmitir informações, esclarecimentos e conscientização sobre o sexo* (17); e *considerar influência da sexualidade na sociedade* (17).

### ***A busca de informações;***

Os participantes também foram questionados sobre quais as fontes de informação que buscam quando precisam abordar o tema sexualidade em seus produtos da mídia. Nesse aspecto, as categorias de respostas foram divididas em: *psicólogos* (31); *sexólogos* (23); *população em geral* (16); *médicos* (15) e *internet* (10). Observa-se a priorização dos saberes psi, sexológicos e médicos a respeito da sexualidade, reforçando a compreensão da sexualidade como algo psíquico e/ou biológico, ou seja, que diz respeito a corpos individuais.

O destaque dado ao saber psicológico nos remete ao lugar histórico em que a psicologia tradicional, assim como a medicina, ocupou na normatização das condutas e dos corpos. Poucas são as teorias que não pressuponham um desenvolvimento “normal” da sexualidade (Foucault, 2012).

### ***A formação acadêmica em relação à sexualidade.***

Pensando a cultura como um campo de produção de significados balizados pelo binômio poder/saber, os meios de comunicação, enquanto pedagogias culturais, são instâncias poderosas de produção de saber. A potência da mídia é imensa, com seus apelos para a emoção e para a fantasia, para o sonho e a imaginação, “ela mobiliza uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente” (Silva, 2013, p. 140). É precisamente devido a essa potência que acreditamos na importância da inclusão da educação sexual e/ou do debate aberto e fundamentado sobre a sexualidade nos cursos superiores de comunicação. Os profissionais da comunicação são multiplicadores de ideias, podendo colaborar para

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





a problematização e desconstrução de concepções normativas, estereotipadas e preconceituosas da sexualidade.

Segundo os participantes, o curso superior estudado não os prepara para a abordagem do tema sexualidade (59 respostas). De acordo com 15 respostas, este assunto, assim como tantos outros, é tratado em sala de aula, porém sem aprofundamento.

## CONCLUSÕES

Os resultados apontam que os participantes têm uma visão ampliada de sexualidade, embora a compreensão da sexualidade como algo individual e interno, com ênfase nas práticas sexuais e na orientação sexual ainda seja bastante presente. Ainda que reconheçam a importância do tema sexualidade em sua prática profissional, os participantes afirmam que não têm uma disciplina específica sobre sexualidade e que o que aprendem em sua formação sobre o tema é limitado. Eles e elas afirmam ainda que tampouco há a oportunidade de refletirem criticamente sobre seus processos individuais de educação sexual e concepções normatizadas que têm sobre o tema sexualidade. Em geral, a educação sexual não está presente como tema ou disciplina nos cursos superiores de comunicação, não contribuindo para a compreensão e reflexão crítica das relações entre a sexualidade e a mídia. Quando os participantes da pesquisa necessitam de informações sobre o tema sexualidade, recorrem a diferentes fontes, priorizando uma visão médica e sexológica da sexualidade. Nesse sentido, é possível destacar como é necessário que os cursos de comunicação abranjam a abordagem sobre o tema sexualidade, considerando que os alunos se depararão com diferentes questões nas práticas profissionais que requerem maior preparo e formação. A inserção do tema no decorrer do curso pode contribuir para que, em suas práticas profissionais, aqueles que atuam com comunicação possam exercer uma postura ética, comprometida com a transmissão de informações e com a promoção de conscientização que, ao invés de reproduzir

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





concepções normativas, estereotipadas e preconceituosas, colabore para problematizá-las e desconstruí-las.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUCCI, Eugênio. A crítica de televisão In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22ª impressão. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**: Laplanche e Pontalis. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEÃO, Andreza Marques de Castro; REZENDE, Evelin Oliveira de; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: A REPRESSÃO SEXUAL CONTIDA NA ORIENTAÇÃO SEXUAL. In: SOUZA, Claudio Benedito Gomide; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. (Org.). **Sexualidade, Diversidade e Culturas Escolares**: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. 1ed. Araraquara; Alcalá de Henares: FCL-UNESP Laboratório Editorial; Universidad de Alcalá, 2008, v. 1, p. 13-28.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago 2008.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia on line- Educação & Saúde**, 2010.
- MANOEL, Marjorie Rodrigues. **Backlash à brasileira**: A construção do feminino em veículos jornalísticos impressos. Monografia (Curso de Jornalismo), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PASTANA, Marcela. **Muito Prazer?! Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir de revistas femininas e masculinas**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2014.
- PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, Gênero e Mídia: Projeto de Educação Sexual com estudantes de Comunicação e Psicologia. **Psicologia.com.pt**, v. -, p. 1--, 2013. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0712](http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0712)>. Acesso em: 29 mar. 2015.
- PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, p. 395-418.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



PELÚCIO, Larissa *et al.* Apresentação. In: PELÚCIO, Larissa *et al.* **Gênero, Sexualidade e Mídia: Olhares Plurais para o Cotidiano**. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012. p. 9-15.

RODRIGUES, Gelberton Vieira; PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Gênero e Sexualidade nos Mídia: Reflexões e Produções Críticas. In: **Anais da Semana da Semana da Comunicação da UNESP (SECOM/2013)**, Bauru, 2013.

ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa: a construção de sentidos das narradoras da revista TPM**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

## ABSTRACT

The media narratives are powerful cultural pedagogies. Sexual education can not ignore the educational effects of the media, vehicles that (re)produce meanings of sexuality, gender, sexual orientation, difference, among many others that are part of subjectivity. Considering that producers of media discourse are communication professionals, it is important to investigate how the discussion of sexuality and media is present in the graduation of these professionals. This qualitative-descriptive study aims to investigate the concepts of sexuality of 80 journalism students at a university from the state of São Paulo. They answered a questionnaire with open questions, for content analysis. The results show that participants have a broader view of sexuality. Even recognizing the importance of this theme in their professional practice, they claim do not have a specific discipline on sexuality and what they learn about it is limited. When they need to use different information sources, they prioritize a medical and sexological view of sexuality. It is concluded that the graduation of these journalists students group is inadequate when it should be necessary and appropriate.

**Keywords:** Communication; Sexual; Journalism students; Sexuality education; Cultural pedagogies.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook